

Divida Ext Credores fazem proposta e pedem garantia

Bancos querem ter certeza de que o Brasil pagará juros para fechar acordo da dívida externa

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Trinta dias depois de terem recebido a proposta de renegociação de US\$ 52 bilhões da dívida externa, os bancos credores apresentaram ontem sua contra-oferta ao negociador Pedro Malan, em Nova York, e deram sinais a Washington de que, a exemplo do governo brasileiro, também estão com pressa para chegar a um entendimento. Os membros do comitê de bancos evitaram comentar a proposta que fizeram ao Brasil, indicando que estavam sob instruções estritas para não falar. Geralmente, isso é um sinal de que os credores estão cautelosamente otimistas sobre o rumo da negociação. Fontes bem informadas disseram ao *Estado* que a contraproposta dos bancos incluiria pelo menos duas novidades.

Além dos cinco instrumentos de redução e reescalonamento da dívida oferecidos pelo governo brasileiro, os bancos querem uma sexta opção, que contemple alguma forma de garantia inicial sobre o pagamento de juros. No caso do México, por exemplo, essa garantia foi coberta com dinheiro das reservas do país e valeu pelos primeiros dezoito meses do acordo. A outra reivindicação dos bancos é o aumento do montante dos "enhancements", ou seja, dos recursos que o País pretende obter no FMI, no Banco Mundial e no Banco Interamericano de Desenvolvimento para usar como garantia de pagamento do principal dos novos títulos da dívida. O governo havia estimado que poderia levantar US\$ 2 bilhões nas agências multilaterais para essa finalidade.

De acordo com as mesmas fontes, por trás da contraproposta apresentada ontem pelos bancos existe um cálculo político, ou pelo menos a esperança de que ela possa levar a um acordo num prazo relativamente rápido. Para os bancos americanos, que são donos de 30% do dinheiro em jogo e dominam o processo de negociação no campo dos credores, um entendimento resolveria um de seus maiores problemas na área externa no momento em que vários deles enfrentam situações difíceis no fronte doméstico. Alguns banqueiros parecem convencidos, também, de que um anúncio de sua disposição de fechar negócio com o Brasil teria um efeito psicológico positivo dentro do País e reforçaria a posição dos setores do governo e da sociedade que defendem a adoção de uma política de estabilização para valer. Isso permitiria a conclusão do acordo com o FMI, que a equipe econômica quer completar até meados do mês que vem.